AS PRÁTICAS LITERÁRIAS DOS CONTOS DE FADA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

FERNANDA DO CARMO SANTOS

RESUMO

Este artigo tem como objetivo integrar a criança na história da literatura mesmo que isso não seja passado da maneira formal, tentaremos exemplificar o modo de trabalhar os Contos de Fada, para que possamos ter a história passada as novas gerações preservando nossa cultura. Os contos de fadas são uma variação do conto popular ou fábula, são narrativas curtas transmitidas oralmente, em que herói ou heroína tem de enfrentar grandes obstáculos antes de triunfar contra o mal. Caracteristicamente envolvem algum tipo de magia, metamorfose ou encantamento, e apesar do nome, animais falantes são muito mais comuns neles do que as fadas propriamente ditas. Os contos de fadas mantêm uma estrutura fixa. Partem de um problema vinculado à realidade (estado de penúria, carência afetiva, conflitos entre mãe e filho), que desequilibra a tranquilidade inicial. O desenvolvimento é uma busca de soluções, no plano da fantasia, com a introdução de elementos mágicos (fadas, bruxas, anões, duendes, gigantes etc.). A restauração da ordem acontece no desfecho da narrativa, quando há uma volta ao real. Valendo-se desta estrutura, os autores, de um lado, demonstram que aceitam o potencial imaginativo infantil e, de outro, transmitem à criança a ideia de que ela não pode viver indefinidamente no mundo da fantasia, sendo necessário assumir o real, no momento certo.”

PALAVRAS-CHAVE: Contos de Fada; Fantasia; Imaginação

ABSTRACT

This article aims to integrate children into the history of literature, even if this is not passed on in a formal way, we will try to exemplify the way of working with Fairy Tales, so that we can have the history passed on to new generations while preserving our culture. Fairy tales are a variation of the popular tale or fable, they are short narratives transmitted orally, in which the hero or heroine has to face great obstacles before triumphing against evil. They typically involve some kind of magic, metamorphosis or enchantment, and despite the name, talking animals are much more common in them than fairies themselves. Fairy tales maintain a fixed structure. They start from a problem linked to reality (state of penury, lack of affection, conflicts between mother and child), which unbalances the initial tranquility. The development is a search for solutions, on a fantasy level, with the introduction of magical elements (fairies, witches, dwarves, elves, giants, etc.). The restoration of order happens at the end of the narrative, when there is a return to reality. Using this structure, the authors, on the one hand, demonstrate that they accept children's imaginative potential and, on the other, convey to the child the idea that they cannot live indefinitely in the world of fantasy, being necessary to assume the real, at the moment right."

KEY-WORDS: Fairy tales ; Fantasy; Imagination

INTRODUÇÃO

Os contos de fada foram escritos para adultos e com o aperfeiçoamento da Disney tornou-se mais inocente, lendo com atenção nos deparamos com gula, vaidade, inveja, dentre outros "pecados" que são ensinados como ruins, os vilões são na maioria das vezes desprovidos de beleza como as bruxas têm verrugas e a madrasta não consegue ser mais bonita que a Branca de Neve. Apesar de terem sido escritos para adultos, os contos de fada modificados pela Disney trazem o discernimento do certo e do errado para as crianças.

Segundo Delia Lerner (2008) em Ler e Escrever na Escola: O Real, o Possível e o Necessário, ao aprofundar o aprendizado sobre esse tema, o professor contribui para a formação de escritores conscientes da pertinência de emitir certo tipo de mensagem em determinado tipo de situação social. Quando se desenvolve a capacidade crítica sobre a produção textual desde os primeiros anos na escola, evita-se um problema que ainda é recorrente, o dê os alunos acreditarem que a escrita foi concluída quando se pôs o primeiro ponto final na primeira versão ou ainda que compete ao professor se encarregar da revisão, não a ele que foi o autor do texto.

Ainda que uma pequena parte das crianças dos anos iniciais do ensino fundamental, não tenham frequentado algum tipo de instituição escolar é necessário levar em conta sua percepção de mundo, lembrando-se que linguagem, desenvolvimento e aprendizagem são inseparáveis para a educação. A leitura é algo essencial justamente por este fato, o professor tem um papel fundamental, visando transmitir-lhes a descoberta das letras e o que podemos descobrir aprendendo a decifrar os códigos da escrita.

Pensando no professor como mediador da construção do conhecimento, é necessário ressaltar as diversas maneiras de se abordar e transmitir o universo da literatura. Saindo apenas do ler mecanicamente e começar a dar vida a todas as formas de leituras, destinadas aos alunos.

A imaginação deve ser trabalhada e estimulada, pensando nisso é possível estabelecer formas de se ler com o objetivo de mostrar aos ouvintes que a leitura é a representação da fala e como está intimamente ligada ao seu mundo.

O prazer de ouvir uma história, é ver todo o seu desenrolar acontecendo, é expandir as possibilidades de imaginar, é despertar a curiosidade de quem pode e consegue se transportar para dentro da narrativa. A imaginação é o diferencial.

De acordo com Coelho (1992) os contos de fada estão de volta, sendo possível transmitir valores verdadeiros e sabedoria partindo do básico que é sua consciência cultural.

FUNÇÃO SOCIAL DOS CONTOS DE FADA

Desde muito tempo, os contos fazem parte da sociedade civilizada. Há aproximadamente 3.000 anos já havia registro de mulheres mais velhas que contavam às suas crianças histórias simbólicas. A autora cita "de alguns temas principais de contos se reportam a 25.000 a.C., mantendo-se praticamente inalterados".

Em termos educacionais, por muito tempo, os contos foram relegados a um segundo plano onde não cabiam questionamentos ou conflitos. Os contos eram tratados como "didáticos" tipificando personagens como boas ou ruins, certas ou erradas, estabelecendo assim um monólogo, com uma única interpretação.

O conto é inabitual, de maneira alguma nos interessaria se não nos ensinasse algo sobre a vida dos povos e dos seres, resumindo nossas preocupações e nossos problemas.

Para a autora, a importância do conto está em trabalhar a criticidade do leitor ante o mundo em que vive, trazendo-lhe elementos, pontos de partida e de reflexão pessoal.

FUNÇÃO PSICOLÓGICA

Os contos nos orientam, mas não podem ser explicados racionalmente. Representam experiências emocionais positivas.

A autora nos demonstra que as preocupações da sociedade moderna se baseiam na confiança excessiva na razão, glorifica a objetividade e idolatra a ciência, assim, relutamos em demonstrar mágoas e tristeza, mas expressamos agressão e força de dominação publicamente, sem constrangimentos. Este comportamento revela a desesperança na cooperação com seres humanos, no cuidar, no tratar da emoção.

O conto de fadas deixa todas as decisões ao nosso encargo, incluindo a opção de querermos ou não chegar a decisões. Mostra-nos o mundo e o que sucede nele de forma não objetiva, mas sob a perspectiva do herói.

Abrams alerta que é preciso não abandonarmos a criança que vive em nós e que pode ser resgatada pela leitura dos contos de fadas, que incentivam a capacidade de enxergar e valorizar a vida interior.

A partir da visão geral da função social e psicológica dos contos, cremos ter sensibilizado o professor-leitor para a importância da leitura dos contos de fada em sala de aula.

Tal argumento pode ser trabalhado sistematicamente em sala de aula a partir da perspectiva do herói. Este constitui em necessidade vital para a formação da personalidade do ser humano.

A JORNADA DO HERÓI

As reflexões de Henderson (1964) sobre o herói e sua busca colocam a importância psicológica profunda, pois o herói diz respeito ao esforço do indivíduo para encontrar e afirmar sua personalidade, estando sempre em desenvolvimento.

A imagem do herói passa por uma evolução para que possa refletir cada estágio da evolução da personalidade do homem; o herói é a simbologia que permite ao ego que se aperfeiçoa, libertar-se das opressões sociais e encontrar sua própria individualidade.

Temos que reaprender a viver com a natureza, com os animais, com o cosmos e trabalhar com as emoções e o conto de fadas é um meio rico para este fim.

Seguem sugestões de atividades, projetos de leitura, para o professor trabalhar em sala de aula, sendo que podem e devem ser transformadas e ampliadas de acordo com a necessidade de cada turma e o meio em que está inserida.

OS CONTOS DE FADAS E AS PRODUÇÕES ARQUETÍPICAS

A história de A pequena sereia, é popular no mundo todo e provém de uma estatura infantil, porém, fascina tanto crianças quanto adultos. Este conto contém conteúdo que se assemelham com interferências

de aspectos inconscientes que invadem a consciência tornando-o típico da teoria.

Jung disse certa vez, que é nos contos de fadas onde melhor se pode estudar a anatomia comparada da psique.

Nos mitos, lendas ou em qualquer outro material mitológico mais elaborado, obtém-se as estruturas básicas da psique humana através da grande quantidade de material cultural. Além disso, nos contos de fada existe um material consciente culturalmente muito menos específico e, consequentemente, eles oferecem uma imagem mais clara das estruturas psíquicas (FRANZ, 1990, p. 25).

Divididos entre o bem e o mal, representados por príncipes, fadas e também por monstros, lobos e bruxas apavorantes, os contos de fadas encantam todas as pessoas de variadas faixas etárias desde a sua criação, que data da época medieval.

Além do entretenimento, transmitem ainda valores e costumes e ajudam a elaborar a própria vida através de situações belas e conflitantes.

Segundo Bettelheim (1980), todos os problemas e ansiedades infantis, como a necessidade do amor, do medo e do desamparo, da rejeição e da morte, são colocados nos contos em lugares fora do tempo e do espaço, mas muito reais para as crianças. A solução geralmente encontrada nas histórias e quase sempre leva um final feliz, indica a forma de se construir um relacionamento satisfatório com as pessoas ao redor.

Contudo, os contos estão repletos de problemas como a presença do bem e o mal, e partindo deste ponto, pretende-se desenvolver uma reflexão sobre a fantasia e suas imagens simbólicas nos contos de fadas como recursos fundamentais no desenvolvimento humano, o que constituem o conteúdo do presente trabalho.

Outra característica nos contos de fadas, é que revelam os conflitos de cada um e a forma de superá-los e recuperar a harmonia existencial. Fazendo com que a dicotomia entre o bem e o mal, presta-se numa terapia, a uma análise mais contundente da personalidade, na qual se permite trabalhar com sentimentos inconscientes que revelam a verdadeira personalidade.

Como expõe Bettelheim (1980):

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significados em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança. (Bettelheim,1980, p. 20).

Além desses aspectos, os contos de fadas apresentam uma linguagem simbólica característica.

Segundo Jung (1994), o símbolo é um termo, nome ou imagem que pode nos ser familiar na vida diária, mas possui conotações especiais além do seu significado evidente ou convencional. Uma palavra ou imagem é considerada simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato, sendo que esta palavra ou esta imagem possui um aspecto inconsciente mais amplo, que não é definido precisamente ou de todo explicado.

Segundo Marie Louise Von Franz Giglio (1991):

A origem dos contos de fadas, parece residir em uma potencialidade humana arquetípica. Antigamente os pastores, lenhadores e caçadores, passavam bom tempo de suas vidas sozinhos nas florestas, campos e montanhas. (GIGLIO, 1991, p 3).

Acontecia que repentinamente eram assaltados por uma visão interior muito forte, que os alvoroçou por inteiro. Corriam então de volta a suas aldeias e relataram o que lhes tinha acontecido a todos que o quisessem ouvir. Daquela visão inicial, iamse formando lendas, e mais tarde “contos maravilhosos”. O pensamento mítico, no caso dessas visões espontâneas, é compreendido como um pensamento essencialmente pré-lógico, elementar e arquetípico.

Como afirma Jung apud Giglio (1991):

Os contos de fada constituíram através dos séculos instrumentos para a expressão do pensamento mítico, perpetuando-se no tempo por desempenharem uma função psíquica importante relacionada ao processo da individuação: através deles toma-se consciência e vivencia-se arquétipos do inconsciente coletivo. (GIGLIO, 199, p. 15).

De acordo com Jung (1994), o homem desenvolveu a consciência vagarosa e laboriosamente, em um processo que levou um tempo infindável, até alcançar o estado civilizado. No entanto, aquilo que chamamos de psique não pode ser identificado exclusivamente com a consciência e seu conteúdo.

A nossa psique é composta também por uma dimensão inconsciente. Ao contrário de Freud, que identificava o inconsciente com as experiências e conteúdo que foram recalcados, para Jung o inconsciente não é

um mero depositário de experiências passadas, desejos ou instintos reprimidos. O inconsciente é criativo, pois pode conter as sementes de futuras situações psíquicas e ideias novas. Além disso, ele se transforma e provoca transformações que não são aleatórias, mas seguem uma determinada direção.

Jung divide o inconsciente em inconsciente pessoal e inconsciente coletivo. O inconsciente pessoal diz respeito ao material que provém do passado do indivíduo. Ele é composto de memórias dolorosas que foram reprimidas e de memórias insignificantes que foram retiradas da percepção consciente (FADIMAN; FRAGER, 2004).

O inconsciente coletivo ou transpessoal, por sua vez, é o centro de todo material psíquico que não provém da experiência pessoal. Os conteúdos e imagens do inconsciente coletivo são compartilhados com pessoas de todos os períodos e todas as culturas. Ele resulta das experiências comuns a todas as pessoas e inclui material de nossa genealogia pré-humana e animal, além de ser fonte de nossas ideias e experiências mais poderosas (FADIMAN; FRAGER, 2004).

Enquanto os complexos não produzem mais do que singularidades pessoais, os arquétipos criam mitos, religiões e filosofias, que influenciam nações e épocas inteiras (JUNG, 1994).

Já dentro do enfoque oferecido pelo psicanalista Carl Gustav Jung (apud CEZARETTI. 1991), a análise terapêutica tem por base os sonhos que fornecem uma indicação precisa da problemática. Analisando os sonhos, o terapeuta consegue precisar ou localizar o conflito do paciente, ou o “Conto de Fadas” que está vivendo, orientando-o para enfrentar os obstáculos à sua realização.

POSSÍVEL ANÁLISE DE A PEQUENA SEREIA A PARTIR DA TEORIA DE JUNG

Em um primeiro momento podemos reconhecer como elementos essenciais, ou melhor, como símbolos da história de a pequena sereia: Sereia; Língua cortada; Água; desejo de subir à superfície;

Entre outras coisas a sereia representa a sedução arquetípica, a sedução da psique unilateral promovendo uma inevitável enantiodromia, "o princípio que governa todos os ciclos da vida natural, desde o menor até o maior" (Jung, C.G., CW 6, parag.708). Seduzir vem do latim se-ducere e significa, dentro de seu campo semântico, conduzir à parte, guiar a outro lado, mudar de rota, deslocar, divagar, digerir, obrigar a mudança. Quando se fala em mudança deve ser entendida, no sentido psíquico, para que se dê ouvidos à alma, à anima, para que dialoguem com nossas potências inconscientes e para que possamos de fato dar asas a nossa imaginação simbólica, criativa, se levamos a fundo o sentido de individuação proposto por Jung. O canto (sedução) da sereia pode ser arrebatador e mortal, para o ego. Essa é a sedução essencial, expressão profunda do arquétipo da anima, arquétipo de ligação, seja ele representado como sereia pássaro, sereia peixe, amante, santa, prostituta. A sedução / canto é a expressão primordial da anima.

De acordo com Hillman (1979), o canto é um dos elementos simbólicos mais expressivos associados às sereias. O canto puro representa uma força de atração direta que atinge algo que está para além das construções defensivas do ego, indo diretamente mobilizar, constelar poderosos aspectos inconscientes da personalidade. Sendo assim, a língua da sereia seria um símbolo de identificação, e quando foi cortado a sereia negou este. As vozes das sereias, por se identificarem como encantadoras, são uma projeção arquetípica. Os mantras sagrados funcionam da mesma maneira, tanto para harmonizar quanto para destruir. Vemos no conto, que a sereia troca sua voz encantadora por um par de pernas humanas. Nos dias de hoje as sirenes (sereias) de ambulâncias e bombeiros nos paralisam por breves instantes numa angústia de aflição e morte. Temos também a expressão "cair no canto da sereia" com o sentido de logro, engano.

Em todas essas expressões os sons, a música e a voz são os instrumentos utilizados para atrair, seduzir e convencer, ultrapassando todos os contra-argumentos retóricos, morais e psicológicos. É importante notar que essa força de sedução talvez se deva menos a debilidades do ego e mais ao fato de que algo profundo é tocado ou despertado ao som das sirenes.

Além disso, a voz da sereia pode ser identificada como uma expressão da personalidade da personagem. O termo persona deriva do latim e significa “máscara” ou “rosto falso”, remetendo à máscara usada pelos atores no teatro romano. A persona engloba tanto aspectos negativos quanto positivos, sendo que uma persona dominante pode sufocar o indivíduo e aqueles que se identificam com sua persona tendem a se ver somente em termos de seus papéis ou fachadas sociais (FADIMAN; FRAGER, 2004).

No caso do conto de a pequena sereia, pelos elementos fornecidos ao longo da história é possível perceber que a sua persona é caracterizada pela imagem de uma jovem melancólica e corajosa.

A sereia tem a água como fonte de sobrevivência por morar em um oceano. A água simboliza frequentemente o inconsciente. Portanto, pode-se considerar a pequena sereia como aquela que traz à cons-

ciência conteúdo do inconsciente, outro fato também seria dela querer sair de seu ambiente natural para viver uma história de amor na terra.

Jung apontava frequentemente para a necessidade de haver a integração do inconsciente no consciente, de modo a assegurar a saúde psíquica da pessoa: se os conteúdos inconscientes permanecerem desconhecidos, eles ficam autónomos no inconsciente, procurando, incessantemente, uma porta para se manifestar. É isto que origina os famosos desconfortos das depressões, angústias e até neuroses.

De acordo com Jung (apud FADIMAN; FRAGER, 2004), a sombra contém todas as tendências negativas que o indivíduo deseja negar, incluindo os nossos instintos animais e qualidades positivas e negativas que não foram desenvolvidas. A sombra é mais perigosa quando não é reconhecida, pois o indivíduo tende a projetar suas qualidades indesejáveis nos outros, sendo dominado pela sua sombra sem se dar conta. Destacando, a sereia como ela pôs a sua própria vida em risco, querendo o amor do príncipe para si e lutando para o mesmo. A bruxa pode ser identificada simbolizando o arquétipo da sombra. No caso da pequena sereia, a bruxa dá a ela o poder mágico de se transformar em humana, porém, tomando dela sua voz e impondo que se o príncipe não a amasse ela morreria. Sendo assim incompatível com sua persona.

O animus, segundo Jung (1994), corresponde ao elemento masculino que há em toda mulher. Na medida em que uma mulher, conscientemente, define a si mesma em termos femininos, seu animus irá incluir todas as tendências e experiências não reconhecidas, que ela definiu como masculinas (FADIMAN; FRAGER, 2004).

A anima, assim como acontece com o animus na mulher, é o elemento feminino presente em todo homem e contém todo o material psicológico que não se encaixa na autoimagem consciente de um indivíduo enquanto homem (FADIMAN; FRAGER, 2004).

Sendo assim podemos analisar a tal forma de a sereia seduzir o homem com seu encanto. O homem é quem seduz a mulher e no caso da pequena sereia ela vai atrás do amor do príncipe. O príncipe também, simbolizando a anima, traz consigo a paixão por uma mulher, observando que ele não sabia quem era.

Um arquétipo primordial considerado seria o ego, que seria o centro da consciência. O ego é quem posiciona o ser em seu ambiente.

De acordo com Jung (apud FADIMAN; FRAGER, 2004), inicialmente, a nossa psique consiste apenas do inconsciente. O ego origina-se do inconsciente e reúne diversas experiências e memórias, desenvolvendo a divisão entre consciente e inconsciente. No ego não existem elementos inconscientes, mas apenas conteúdos conscientes derivados da experiência pessoal.

Em a pequena sereia, o ego da personagem dá sinais da sua espontaneidade, da sua identidade e provém do seu ambiente. Através da sua consciência, a sereia dispõe das suas concepções de intuição, sensações, sentimentos e no seu julgamento com a sua vida e com a vida de suas irmãs.

O cenário no qual o conto se passa, sendo na água e na terra, seriam projeções do próprio inconsciente. Um ambiente úmido e seco, tendo em território transitório a vida da sereia. Do mar para terra firme.

Jung chamou o Self de Arquétipo central, Arquétipo da ordem e totalidade da personalidade. Segundo Jung, consciente e inconsciente não estão necessariamente em oposição um ao outro, mas complementam-se mutuamente para formar uma totalidade: o Self.

Na história da pequena sereia, podemos supor o self, à sua vontade, desejo impessoal depois que ela salvou o príncipe, de trocar sua cauda por pernas humanas. Este fato também simbolizava a totalidade de uma nova vida feliz ao lado do seu amado, seguindo desta forma seu processo de individuação.

Pode-se traduzir Individuação como tornar-se si mesmo, ou realização do si mesmo. Individuação é um processo de desenvolvimento da totalidade e, portanto, de movimento em direção a uma maior liberdade. Isto inclui o desenvolvimento do eixo Ego-Self, além da integração de várias partes da psique: Ego, Persona, Sombra, Anima ou Animus e outros Arquétipos inconscientes.

Na história de A pequena sereia, é possível como já havia citado anteriormente, o desejo de mudar a sua vida natural, trocando ambientes e validando a potencialidade de seu amor. Ao longo deste processo, conceituamos os conflitos vividos pela personagem, com a bruxa, suas limitações, a mudança de ambiente, e fechamento da história com a negação do amor do príncipe levando à sua morte. Supondo que não houve a contemplação do processo de individuação.

Todos os símbolos apresentados aqui, na verdade são projeções dos arquétipos e complexos do autor que escreveu a história. Colocando no papel suas experiências, porém, inconscientemente, pois tudo que está inconsciente em nós tende a ser projetado no mundo na forma de símbolos.

No entanto, podemos fazer algumas suposições a respeito do autor, como por exemplo, o amor que a sereia sentia pelo

príncipe e que o príncipe não a correspondeu. Como vimos na história de Andersen, ele tinha amores que não o correspondiam. Podendo fazer a suposição que a sereia seria projeção do autor e que o príncipe seus amores não correspondidos.

Da mesma forma o contexto que foi escolhido como cenário para a história e o percurso pela mesma podem indicar que o autor do conto estava realizando o seu próprio processo de individuação, conseguindo promover um equilíbrio entre o seu inconsciente e a sua consciência.

Além disso, as irmãs da sereia terem procurado uma solução para que a sereia não viesse a morrer, tem grande significado. Poderia ter sido o pai ou a mãe da sereia que tivesse apelado pela vida da filha. Podemos acrescentar ainda, que suas irmãs simbolizam o arquétipo materno.

Outra questão interessante é a relativa à teoria junguiana da tipologia da personalidade, constituída pelas duas atitudes básicas –introversão e extroversão- e as quatro funções psicológicas – pensamento, sentimento, intuição e sensação.

A ideia de introversão e extroversão são as mais usadas. Jung descobriu que cada indivíduo pode ser caracterizado como sendo primeiramente orientado para seu interior ou para o exterior, sendo que a energia dos introvertidos se dirige em direção a seu mundo interno, enquanto a energia do extrovertido é mais focalizada no mundo externo. Entretanto, ninguém é totalmente introvertido ou extrovertido. Algumas vezes a introversão é mais apropriada, em outras ocasiões a extroversão é mais adequada, mas, as duas atitudes se excluem mutuamente, de forma que não se pode manter ambas ao mesmo tempo. Também enfatizava que nenhuma das duas é melhor que a outra, citando que o mundo precisa dos dois tipos de pessoas. Darwin, por exemplo, era predominantemente extrovertido, enquanto Kant era introvertido por excelência. O ideal seria que a pessoa fosse flexível e que mantivesse um equilíbrio entre as duas.

No caso da sereia podemos classificá-la como extrovertida, pois ela era destemida, persistente e otimista.

Em relação às funções psicológicas, Jung identificou quatro funções psicológicas que chamou de fundamentais: pensamento, sentimento, sensação e intuição. E cada uma dessas funções pode ser experienciada tanto de maneira introvertida quanto extrovertida.

3. CONCLUSÃO / CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas obras de contos de fada são encantadoras de artifícios inconsciente e consciente, não apenas nos mostram várias formas de contemplar no processo de individuação como dão às crianças em seu desenvolvimento, conceitos familiares para crescer e harmonizar suas vidas. Ajudam também na diferenciação ainda mais complexa do bem e do mal.

Nos contos de fadas, existem as nossas projeções arquetípicas e um significado para nossas vidas simbólicas. É o que acontece quando gostamos de uma história e de outra não, quando ficamos pensando no final da história, se poderia ter sido diferente ou não. O nosso inconsciente possui um enorme potencial criativo, do qual muitas vezes nem temos consciência. Dessa forma, os sonhos, os mitos, as religiões e os próprios contos de fadas são importantes canais através dos quais podemos entrar em contato com o nosso inconsciente.

REFERÊNCIAS

COELHO, Nelly Novaes. O conto de fadas: símbolos de muitos arquétipos. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.

JUNG, C. G. (2008). O homem e seus símbolos (2ª ed). (M. L. Pinho, Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1964)

JUNG, C. G. (2012). Psicologia e religião (11ª ed.). (Pe. Dom M. R. Rocha, Trad.). Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1938)

JUNG, C. G. (2013a). O desenvolvimento da personalidade (14ª ed.). (Frei V. Amaral, Trad.). Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1967)

JUNG, C. G. (2013b). Psicogênese das doenças mentais (6ª ed.). (M. S. Cavalcanti, Trad.). Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1958)

JUNG, C. G. (2013c). Estudos Alquímicos (4ª ed.). (D. M. R. F. Silva, & M. L. Appy, Trads.). Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1968)

JUNG, C. G. (2014a). Os arquétipos e o inconsciente coletivo (11ª ed.). (M. L. Appy, & D.

LERNER, Délia. Ler e escrever na escola. O real, o possível e o necessário. Porto Alegre Artmed. 2002.